

Arqueologia de Textos: método, técnicas e reflexões para a leitura de fragmentos de obras literárias antigas

*Texts Archaeology: method, techniques and reflections for
reading fragments of ancient literary works*

BARON, Christopher. *Timaeus of Tauromenium and Hellenistic
Historiography*. Cambridge University Press, Cambridge,
Inglaterra, 2013, 317 p.

Marcello de Albuquerque Maranhão*

Recebido em: 21/10/2013
Aprovado em: 11/12/2013

Cristopher Baron, PhD em História Antiga pela University of Pennsylvania, atualmente Professor Assistente na Universidade de Notre Dame, Indiana, EUA, vem tratando e publicando textos sobre Timeu de Taormina e sobre Historiografia Antiga desde 2009. Agora, em 2013, publica *Timaeus of Tauromenium and Hellenistic Historiography*, seu primeiro livro. Trabalho extenso e ambicioso que visa a fazer uma análise a mais detalhada possível sobre uma obra da qual nos chegaram apenas fragmentos. Nesse percurso, Baron nos reserva algumas gratas surpresas, não somente sobre o objeto – Timeu e sua obra – em si, mas sobre Teoria Literária na Antiguidade e sobre Metodologia para tratar fragmentos de obras da historiografia antiga.

Baron utiliza sua variada habilidade como linguista e conhecedor de grego antigo, latim, alemão, francês e italiano, analisando autores que escreveram sobre Timeu em todos esses idiomas, ressaltando a importância do conhecimento de línguas no trabalho do antiquista. Ao tentar reconstituir a obra de Timeu, quase totalmente perdida, recorre

* Especialista em História e Cultura Antiga (UFF). Mestre em História pela UFPel sob orientação do Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira.

a um trabalho que poderíamos nomear como *Arqueologia de Textos*. Não falta em *Timaeus of Tauromenium and Hellenistic Historiography* o farto uso de inferências a partir do que se encontrou, o uso de autores com argumentos contundentes – como Políbio, grande crítico de Timeu – contra si mesmos, a percepção do que deixam entrever em seus escritos e o que gostariam de esconder, ou o que fosse lido de outra forma. Baron (2013, p. 212) coroa tudo isso com um arrazoado que poderia soar estranho: não nos permitirmos deixar enganar pelas evidências encontradas ou, em suas próprias palavras, “[...] *we need to consider other ways in which the evidence may distort our view.*” Baron mostra assim que o historiador deve ir além do que encontra – como se parafraseasse o famoso dito de Le Goff sobre “os silêncios da História” – quando aquilo que encontra é pouco representativo do que se sabe perdido.

Esta é uma das questões iniciais de Baron sobre historiadores fragmentários: o que foi encontrado é significativo do conjunto, representa-o bem? Pergunta que só é possível responder a partir dos comentaristas mais próximos da obra em análise, aqueles que teriam, em seu tempo, lido na íntegra uma obra hoje fragmentária. E Baron propõe um exercício hábil (p. 33 e 203) para termos ideia daquilo que se perdeu: utilizando Heródoto, demonstra que se fôssemos julgá-lo pelo que os historiadores antigos escreveram sobre ele, teríamos uma obra completamente deturpada de seu sentido. Haveria muitas observações sobre suas descrições etnográficas e quase nada sobre a narrativa político-militar que o historiador grego imprimiu ao seu texto. A partir disso, Baron analisa os fragmentos encontrados sobre Timeu e mostra (p. 202) que a taxonomia sobre autores antigos cunhada por Jacoby ainda em uso hoje, estabelecida em 1909,¹ já não nos serve mais e dissimula muito do que poderíamos aprender sobre a Historiografia na antiguidade, especialmente sobre os historiadores fragmentários.

Quando Baron faz a crítica à taxonomia de Jacoby (cap. 9), ele aproveita para redimensionar tudo que comumente se pensa sobre gêneros literários, especialmente em História e especificamente sobre historiadores antigos. Nessa recusa ele conecta “autor, texto e audiência” (p. 205) em acordo com as teses de Conte (1994) e Marincola (1997; 1999) sobre como classificar textos literários – e mais ainda os gêneros literários da Antiguidade – de modo mais produtivo: como pertencentes a uma base fluida, ao invés de gêneros fixos, onde cada autor não seguia uma estética “moderna” presa a

¹ Félix Jacoby (1876-1959), autor da obra de referência *Fragmente der Griechischen Historiker (FGrH, 1923)*.

determinados gêneros – conforme enxergava Jacoby – mas antes procurava imitar modelos individuais, o que seria a tradição da Antiguidade Clássica.

Baron nos lembra que muitas das críticas feitas a Timeu dão-se pelo seu uso de mitos – Políbio condenava isso, e ataca Timeu várias vezes por esta razão – mas que isso não invalida sua obra. Afinal, o problema não é o uso de mitos, mas sim compreender o lugar do mito na cultura antiga, na sua explicação do passado quando fontes escasseavam ou não existiam. Até Tucídides, conhecido pelo seu rigor com as fontes e descaso com religiões e mitos, cita Homero e obras homéricas pelo menos dez vezes em sua obra para explicar eventos e épocas para as quais não tinha outras referências.

Finalmente, Baron situa a crítica a Timeu em sua época e lugar: a maior parte do que sabemos sobre Timeu, lemos em Políbio, no famoso livro XII. E Políbio queria justamente deslocar Timeu de sua posição de autoridade sobre a história dos gregos ocidentais – posição que admite inadvertidamente quando reputa desconhecer os motivos de tal autoridade (BARON, p. 88; POLÍBIO, XII, 28) – querendo sucedê-lo. Baron tenta demonstrar (cap. 4) que grande parte das críticas modernas feitas a Timeu – de Jacoby a Pearson, passando por Momigliano – segue o roteiro de Políbio.

Nenhuma resenha crítica estaria completa sem lembrar também os pontos negativos do trabalho em exame e detectamos apenas dois em Baron: a sua defesa do objeto, embora conduzidas de maneira magistral, nos fazem pensar num certo afeto por Timeu que pode ter desequilibrado sua crítica, ainda que levemente, a favor de Timeu, num percurso contrário ao que se fez ao longo da História (seguindo os passos de Políbio e aceitando as críticas deste a Timeu).

Baron re-contextualiza as invectivas mais contundentes de Políbio, tirando dos ombros de Timeu responsabilidades não perdoáveis hoje. Por exemplo, quando Timeu faz críticas pessoais a Aristóteles e Demócates, Baron mostra (cap. 6) que o estilo alexandrino – da retórica da Escola de Alexandria – do séc. III era esse, e que a escrita ácida de Timeu podia bem ser situada como um produto do estilo de sua época (operação que coloca Políbio como a exceção destoante, não Timeu).

O outro ponto questionável é que Baron se esforça para mostrar o quanto Políbio quis derrubar Timeu de sua posição de autoridade dos gregos ocidentais – assim como Tucídides o fez em relação à obra de Heródoto sobre a Hélade. Mas Baron procede um pouco da mesma forma em relação a Pearson. A obra de Pearson, *The Greek Historians of the West* (1988), centra-se em Timeu e segundo o próprio Baron “teria sido a mais

importante obra em língua inglesa sobre Timeu dos últimos cinquenta anos, desde Tuesdell Brown (1958)". Baron, porém, considera-a "um retrocesso" (p. 14) em relação aos estudos sobre Timeu por perpetuar a taxonomia de Jacoby e fazer uso das *Quellenforschung* do século XIX, que, em conformidade com a época, seriam limitantes quanto ao modo de avaliar gêneros literários em história, os historiadores antigos e em especial, os fragmentários.

Nada disso invalida a profundidade desse trabalho erudito, de extensão considerável para um tema tão pouco pesquisado e cada vez mais importante, e possivelmente seminal em termos metodológicos. Obra essencial para o estudo dos historiadores da Sicília antiga e do mundo grego a Ocidente da Hélade. E, ao mesmo tempo, um bom roteiro para quem precise aventurar-se no domínio dos gêneros literários da Antiguidade, e em especial no estudo de autores conhecidos por meio de fragmentos.

Referências

- CONTE, G. B. *Genres and readers: Lucretius, Love Elegy, Pliny's Encyclopedia*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994.
- MARINCOLA, J. *Authority and tradition in ancient Historiography* Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- PEARSON, L. *The Greek historians of the West*. New York: Oxford University Press, 1988.
- POLÍBIO. *História*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. da UNB, 1985.
- MARINCOLA, J. Genre, convention and innovation in Greco-Roman Historiography. In: KRAUS, C. S. (Ed.). *The limits of Historiography. genre and narrative in Ancient Historical Text*. Leiden: Brill, 1999, p. 281-324.